

Depois de tudo

Uma história de amor, erotismo e liberdade
depois dos 50 anos

A woman with curly reddish-brown hair, wearing a teal-green V-neck dress, stands on a balcony. She is looking off to the right. The background shows a blue sea and a white railing. To the right, there is a potted plant with red flowers. The overall lighting is warm and golden.

Por Marisa Araujo

Depois de tudo

Uma história de amor,
erotismo e liberdade
depois dos 50 anos

Por Marisa Araujo

Sumário Estruturado

Introdução

Cecília fala sobre sua rotina, seus medos e a sensação de que a vida amorosa ficou no passado.

Capítulo 1 – O Encontro

Em uma cobertura jornalística, ela conhece o homem que vai mudar sua percepção sobre amor e desejo.

Capítulo 2 – Atração Velada

Pequenos encontros ocasionais, olhares, conversas que despertam algo esquecido dentro dela.

Capítulo 3 – Primeiras Descobertas

Convites, passeios pelo Rio, diálogos íntimos. A sedução começa de forma sutil, mas irresistível.

Capítulo 4 – Entrega

Cecília se permite viver o momento. Cena de erotismo envolvente, marcada por paixão e vulnerabilidade.

Capítulo 5 – O Clímax

A relação chega ao auge, não apenas fisicamente, mas emocionalmente — ela descobre que nunca é tarde para amar.

Conclusão – Liberdade

Reflexão de Cecília: reencontrar a si mesma através do amor e da entrega. Deixa espaço para uma possível continuação.

Introdução

Cecília Bastos fechou o laptop com um suspiro pesado. Mais um artigo entregue, mais uma noite solitária diante da tela iluminada. O silêncio do apartamento, quebrado apenas pelo barulho distante da cidade, parecia ecoar dentro dela.

Aos 52 anos, jornalista respeitada, divorciada há quase uma década, Cecília se orgulhava da carreira construída. Era moderna, independente, inteligente — mas havia um vazio que nenhuma conquista profissional preenchia.

A rotina havia se tornado previsível: escrever, entregar, dormir. Repetir. No fundo, ela temia algo que raramente tinha coragem de admitir: a possibilidade de envelhecer sozinha, sem nunca mais sentir aquele arrepio na pele que só um olhar ou um toque verdadeiro poderiam despertar.

O que Cecília não imaginava era que, em meio a uma pauta comum de trabalho, sua vida prestes estava a se cruzar com a paixão mais inesperada — e arrebatadora — de sua vida.

Capítulo 1 – O Encontro

Era fim de tarde no Rio de Janeiro. O sol se punha atrás do Cristo Redentor, tingindo o céu de laranja e rosa. Cecília estava em uma cafeteria charmosa em Ipanema, finalizando uma entrevista com o dono de uma pequena rede de livrarias independentes.

Ele chegou alguns minutos atrasado — alto, cabelos grisalhos, olhar firme e um sorriso tímido, mas marcante. Vestia uma camisa azul clara de mangas dobradas, revelando braços fortes que denunciavam uma vida de trabalho e disciplina.

— Desculpe o atraso, o trânsito estava impossível hoje — disse, estendendo a mão.

— Não se preocupe. Eu também já perdi batalhas contra o trânsito carioca — respondeu Cecília, sorrindo com naturalidade.

O aperto de mão foi firme, quente. Por um instante, ela sentiu algo diferente, um choque quase imperceptível percorrendo seus dedos. Fazia anos que um simples toque não a fazia estremecer.

Durante a entrevista, ela percebeu algo raro: ele falava com convicção, mas sem arrogância.

Os olhos não desviavam dos dela, como se cada resposta fosse pensada para além das palavras — como se ele a enxergasse de verdade.

Cecília, acostumada a homens vaidosos, dispersos e cheios de máscaras, sentiu-se intrigada. Havia honestidade ali, uma presença que a deixava desconfortavelmente consciente de si mesma: do batom, da blusa levemente decotada, até do perfume discreto que usara quase sem intenção.

Quando a entrevista terminou, ele sorriu de novo e disse:

— Foi um prazer conversar com você, Cecília. Espero que possamos repetir essa conversa sem gravador da próxima vez.

Ela riu, meio sem graça. Mas enquanto guardava o gravador na bolsa, percebeu que seu coração batia acelerado.

Algo dentro dela havia despertado — e não era apenas profissional.

Capítulo 2 – Atração Velada

Nos dias que se seguiram à entrevista, Cecília tentou se convencer de que aquele encontro não tinha significado nada além do profissional. Mas cada vez que lembrava do olhar dele — firme, direto, caloroso — um arrepio percorria sua pele.

Ela revisava a gravação da entrevista, e a cada vez que sua voz grave surgia, sentia uma estranha mistura de conforto e inquietação. Era como se aquele timbre ecoasse algo esquecido dentro dela.

Dois dias depois, seu celular vibrou. Uma mensagem inesperada:

"Cecília, aqui é o Daniel, da entrevista. Gostaria de agradecer mais uma vez pela conversa. Se aceitar, gostaria de retribuir com um café, sem pauta, apenas para continuarmos de onde paramos."

Ela demorou a responder. Seus dedos pairavam sobre o teclado, coração acelerado. Parte dela queria aceitar imediatamente. Outra parte lembrava da rotina, dos julgamentos, do medo de se entregar de novo.

"Café é sempre bem-vindo. Quando e onde?" — digitou por fim, sentindo as bochechas corarem, como uma adolescente.

O encontro foi marcado para o sábado seguinte. A cafeteria estava cheia, mas eles encontraram um canto reservado. Conversaram por horas, sobre livros, cinema, a vida no Rio, os medos e as alegrias de cada fase da vida.

Havia uma naturalidade desconcertante. Não eram diálogos superficiais: eram confidências.

Cecília percebeu que, sem perceber, estava revelando pensamentos que raramente compartilhava com alguém.

Quando ele riu de um comentário dela, inclinando-se para a frente, sua mão roçou de leve na dela sobre a mesa. Foi apenas um instante — mas suficiente para que ela sentisse a respiração acelerar.

Daniel não recuou. Seus olhos permaneceram nos dela, intensos, como se buscassem uma resposta silenciosa.

Ela, instintivamente, puxou a mão de volta, rindo nervosa:

— Acho que preciso de outro café.

Ele sorriu, compreendendo o gesto. Mas não insistiu. Apenas disse, num tom baixo e envolvente:

— Não se preocupe, Cecília. Temos tempo.
Naquela noite, deitada em sua cama, Cecília se revirava, revivendo cada detalhe do encontro: a risada, o calor do toque, o olhar que parecia despir sua alma.

Era como se um véu estivesse sendo retirado, lentamente. Algo nela estava se abrindo, algo que ela acreditava ter sido enterrado para sempre.

Aos 52 anos, Cecília sentia novamente a excitação da descoberta.



🌙 Capítulo 3 – Primeiras Descobertas

Os encontros, antes ocasionais, tornaram-se mais frequentes. Um jantar depois do trabalho, uma caminhada à beira da praia ao entardecer, um telefonema inesperado só para desejar “boa noite”.

Daniel parecia surgir sempre no momento certo, como se conhecesse os silêncios de Cecília. Ele não tinha pressa. O modo como a escutava, como prestava atenção em cada detalhe, fazia com que ela se sentisse jovem novamente — e, ao mesmo tempo, mais mulher do que nunca.

Numa sexta-feira chuvosa, ele a convidou para conhecer sua livraria preferida, no centro do Rio. As estantes antigas, o cheiro de papel e café, o som da chuva batendo nos vidros... tudo criava um clima íntimo, quase secreto.

Enquanto ela folheava um livro de poemas, Daniel aproximou-se por trás, inclinando-se para ler junto. Seu rosto ficou a poucos centímetros do dela. O calor de sua respiração fez Cecília prender o ar por um instante.

— “E se a vida fosse apenas isso... dois corpos que se encontram no tempo certo” — leu ele em voz baixa, quase como um sussurro.

Cecília fechou o livro devagar, virando-se para encará-lo. O olhar dele era intenso, firme, e ao mesmo tempo delicado. Por alguns segundos, ninguém disse nada. Só havia os dois, a chuva e a tensão elétrica que os envolvia.

O primeiro beijo aconteceu ali, entre as estantes.

Lento, seguro, cheio de promessas. Cecília sentiu o corpo estremecer, como se todas as células despertassem de um longo sono.

Ele não avançou além. Apenas segurou seu rosto com as mãos firmes, prolongando o beijo como se quisesse gravar aquele momento na memória dos dois.

Quando se afastaram, Cecília sorriu, ofegante.

— Faz muito tempo que eu não sentia algo assim...

— Eu sei — respondeu Daniel, passando o polegar de leve sobre os lábios dela. — Mas agora não precisamos mais adiar.

Naquela noite, em casa, Cecília não conseguia dormir. O gosto do beijo ainda estava em sua boca, e a lembrança do toque dele em sua pele parecia pulsar em cada centímetro do corpo.

Ela se olhou no espelho e, pela primeira vez em anos, viu-se diferente. Não apenas uma jornalista experiente ou uma mulher divorciada de 52 anos. Viu-se como uma mulher desejada, viva, intensa.

E sabia, no fundo, que aquele beijo era apenas o início de descobertas muito mais profundas.



🔥 Capítulo 4 – Entrega

O convite foi inesperado. Daniel a chamou para jantar em seu apartamento em Copacabana.

“Nada formal, só algo que eu mesmo vou preparar”, disse com aquele tom simples que a desarmava.

Cecília hesitou. Parte dela queria recusar — temia o que poderia acontecer se cruzasse aquela porta. Mas outra parte, mais forte, ansiava por viver o que já não conseguia mais negar.

Quando chegou, encontrou o ambiente iluminado por luz suave, música de fundo e o cheiro delicioso de um prato caseiro. Daniel cozinhava de avental, sorrindo ao vê-la entrar. — Eu disse que não tinha nada de especial — brincou.

— Então você mentiu — respondeu ela, tirando o casaco devagar, sentindo os olhos dele acompanharem cada gesto.

O jantar foi leve, cheio de risos, mas a tensão pairava no ar como uma corrente invisível. Cada vez que ele servia seu copo, cada vez que sua mão roçava na dela, o desejo se tornava impossível de ignorar.

Após a sobremesa, Daniel se levantou e, sem
pressa, estendeu a mão:

— Vem.

Ela segurou, sentindo o coração disparar. Ele a
conduziu até a varanda, onde o mar se agitava
sob a luz da lua. Ficaram em silêncio por alguns
segundos, apenas trocando olhares.

Então, ele se aproximou e a beijou — desta vez
sem contenção. O beijo foi profundo, intenso,
carregado de uma fome contida por semanas.

Suas mãos deslizaram pelos braços dela, pela
cintura, trazendo-a para mais perto.

Cecília sentiu o corpo inteiro reagir. Era como se
cada toque reacendesse uma chama esquecida.

A racionalidade tentou sussurrar advertências,
mas o corpo, a alma e o coração gritavam em
uníssonos: permita-se.

Ele a conduziu para o quarto. O ambiente tinha
uma luz suave, e o cheiro do mar entrava pela
janela entreaberta. Daniel foi delicado e firme ao
mesmo tempo, explorando cada gesto, cada
reação dela, como se fosse a primeira vez.

Cecília fechou os olhos e deixou-se guiar,
sentindo a pele arrepiar sob cada beijo, cada
toque. Redescobriu curvas, sensações, prazeres
que pensava estarem adormecidos.

E quando, enfim, entregou-se por completo, percebeu que não era apenas desejo físico. Era um reencontro com a própria essência. Aos 52 anos, ela estava viva, desejada, inteira.



Capítulo 5 – O Clímax

A noite se estendeu como um segredo guardado apenas pelos dois. Na penumbra suave do quarto, o tempo parecia suspenso. Cada gesto de Daniel era uma promessa, cada olhar uma pergunta que só podia ser respondida com o corpo.

Cecília, por um instante, deixou-se observar. O reflexo deles no espelho lateral mostrava não apenas duas silhuetas entrelaçadas, mas também a mulher que ela tinha se tornado novamente: confiante, desejada, inteira. Daniel a explorava com a calma de quem não tem pressa, mas com a intensidade de quem sabe o valor de cada segundo. Seus toques percorriam a pele dela como se cada parte fosse inédita, como se nunca houvesse amado ninguém antes.

O prazer crescia em ondas, cada vez mais fortes, e Cecília percebeu que não havia apenas desejo ali — havia entrega, cumplicidade, liberdade. O peso dos anos, das inseguranças, das noites solitárias, tudo parecia desaparecer sob o calor daquela paixão.

Quando o corpo não suportou mais, ela se deixou levar. O clímax foi arrebatador, libertador, acompanhado por lágrimas inesperadas que deslizaram pelo rosto. Daniel as beijou, sem dizer nada, como se entendesse que aquelas lágrimas eram de vida — de renascimento. Deitada em seus braços depois, Cecília sorriu silenciosamente. Não havia mais espaço para dúvidas. O medo de envelhecer sozinha, a sensação de estar invisível... tudo se dissolvia diante daquela certeza: o desejo não tem idade. Daniel acariciou seus cabelos e murmurou: — Você não faz ideia da força que tem, Cecília. Ela fechou os olhos, absorvendo aquelas palavras como quem guarda um tesouro. Naquela madrugada, entre beijos e confidências, ela entendeu: não era apenas sobre ele. Era sobre se permitir de novo, sobre olhar para dentro e redescobrir-se mulher, amante, viva.

🌹 Conclusão – Liberdade

Na manhã seguinte, com o sol invadindo o quarto e o som do mar ao fundo, Cecília tomou café ao lado de Daniel. Mas, mais do que isso, tomou consciência de algo profundo: a vida ainda podia ser surpreendente, intensa e cheia de paixão.

E, pela primeira vez em anos, não sentiu medo do futuro. Sentiu desejo.



🌸 Epílogo – Um Novo Horizonte

O tempo passou, mas Cecília jamais esqueceu daquela noite em que sua vida mudou para sempre.

Não porque encontrou um homem que a desejava, mas porque descobriu, finalmente, que a paixão não depende da idade — depende da coragem de se permitir.

Sentada à beira da praia, olhando o sol se pôr sobre o mar do Rio de Janeiro, ela sorriu.

O medo da solidão já não tinha espaço dentro dela.

Agora, o que pulsava era liberdade.

Ela sabia que novas histórias ainda estavam por vir. Talvez ao lado de Daniel. Talvez em outros caminhos.

Mas, acima de tudo, sabia que a chama acesa dentro dela nunca mais se apagaria.

Cecília estava pronta para viver — intensamente, apaixonadamente, livre.

fim



MARISA ARAUJO - Jornalista (2013) premiada, turismóloga (1988) e empresária de mídia desde 2005. CEO da Absolute Rio (www.absoluterio.com.br) e da Marujo Carioca Produções. Promotora de eventos, diretora e apresentadora de rádio e TV Web. Escritora, colunista, assessora de imprensa e imagem. Criadora de conteúdo, marketing e propagandas. Autora de vários livros eletrônicos e textos para mídias impressas e virtuais.

Contato: +55 21 982032922.

@marisaaraujo30